

Contemplação imaginativa

Pablo Lamarthé Estrade, sj

Manresa, vol 96 (2024), pp 353-364

A prática contemplativa que encontramos nos Exercícios Espirituais começa sempre com uma **“composição vendo o lugar”** (EE 103) onde a pessoa deve **“ver com a vista imaginativa”** (EE 112) o que acontecerá numa cena evangélica. A “composição vendo o lugar” sempre vem associada a uma visualização prévia como preparação da oração. É um preâmbulo que ajuda o orante a colocar-se na presença de Deus a partir de um contexto imaginativo físico e visível, que servirá de referência para o desenvolvimento posterior da oração. Evita, deste modo, que a oração se converta em um exercício etéreo, desencarnado e sem referência alguma.

Este preâmbulo imaginativo da oração inaciana sempre destaca a experiência e a história pessoal de quem está orando, porque, ao projetar-se e deixar refletir a própria imaginação na cena contemplada, permite que a revelação se faça presente em seu próprio mundo subjetivo. Ajudará, sem lugar a dúvida, não só a encarnar a oração, mas também a personalizá-la e situá-la em seu próprio contexto pessoal.

A pessoa se compõe, se predispõe e se mobiliza imaginativamente para em seguida proceder com a oração. Assim Deus chegará à pessoa através de sua própria imaginação.

Em seguida, na **contemplação** propriamente dita, vem as três ações requeridas de **“ver, ouvir e mirar”** (EE 106-108) aquilo que acontece em cada relato bíblico. Suporá visualizar, fixar o olhar e permanecer imaginativamente no mais concreto da vida de Jesus, em seus gestos e atitudes. Será demorar-se na dimensão humana e material da salvação. Devemos perceber imaginativamente todos os detalhes encarnatórios, porque sabemos que tais condições materiais e históricas são o modo de “ver a Deus”. O concreto, o sensível, o tangível, se converterá assim, na epifania do divino, no lugar concreto da revelação.

A **imaginação** é a capacidade da mente humana para reproduzir e conservar um objeto, inclusive durante sua ausência. Por isso, a **imagem** torna presente o que está ausente. É ideal para conhecer a vida de Jesus, fato histórico já passado, mas que traz à nossa história sua presencialidade, na atualidade de nossa vida. A imaginação exerce essa função, assegura a presença do Evangelho como acontecimento atual, aqui e agora.

Podemos ver assim que a **contemplação inaciana** é um exercício fundamentalmente **imaginativo**: longe está do espírito de Inácio propor orações sem conteúdo, abstratas, especulativas ou intelectuais. Suas contemplações tampouco são discursivas, nem conceituais; e não se alimentam somente de ideias, mas, sobretudo, de **imagens sensíveis** para serem **“sentidas e saboreadas internamente”** (EE 2).

Desta maneira descobrimos que a contemplação da vida concreta de Jesus se converte em certeza experiencial: esta fica gravada no interior de quem contempla e este, pouco a pouco, ficará maravilhado e afetado por essa realidade contemplada.

A contemplação, com a força da imaginação, tem o poder de pôr em contato a interioridade do próprio sujeito que contempla com aquela realidade exterior que é a humanidade de Jesus contemplada. No final do caminho, provavelmente, o exercitante termina vendo algo mais além do físico, do concreto e do material.

Como chave fundamental para a contemplação, S. Inácio também propõe que, quem se exercita, se faça presente na cena evangélica. E pela distância de tempo que o separa dos fatos evangélicos, este fazer-se presente (EE 114) só pode acontecer através da **imaginação**. Esta faculdade vai permiti-lo encurtar a distância espaço-temporal que o separa do mistério salvífico, introduzi-lo dentro da cena, aqui e agora, e o possibilita recriá-la, completá-la com suas ações ao participar da mesma.

Esta operação psico-espiritual o coloca na cena contemplada, o faz partícipe daquela realidade divina e, através da imaginação, forma parte daquele mistério que agora quer conhecer em profundidade.

“A imaginação produz símbolos que levam o orante a ser ator no mistério de Cristo que contempla como se presente se encontrasse. Isto faz com que a contemplação inaciana seja uma imersão na vida de Jesus convertendo-o em partícipes de sua vida hoje, arrancando-o de si mesmo e levando-o ao encontro com o Senhor da vida e da história”. (M.L. Hormaza).

Citemos alguns exemplos: ao perceber e sentir internamente a mão de Jesus que aperta sua mão e não o deixa afundar-se na água, como a Pedro, o exercitante pode recuperar a confiança e a esperança n’Ele; ao

visualizar a adúltera e descobrir que não é apedrejada por ninguém, consegue perdoar suas próprias infidelidades; ou ao contemplar o paralisado, que agora caminha com sua maca às costas, pode ver-se a si mesmo rompendo suas paralisias e lançando-se a um futuro promissor.

A imagem orante recriada em seu interior poderá se converter, talvez, em um símbolo de vida e de transformação para o orante.

A participação dentro da cena evangélica provoca o exercitante a adotar, sempre imaginativamente, diferentes papéis e funções. Sua imaginação conduzi-lo-á a eleger diferentes posturas dentro da cena, motivá-lo-á a realizar algumas determinadas ações e não outras, impulsioná-lo-á a estabelecer diferentes diálogos, etc.

Sem dúvida, as projeções psicológicas que o contemplativo realiza com este exercício espiritual vão lhe mostrando elementos novos sobre a realidade de Deus e sobre ele mesmo.

Os próprios conteúdos interiores, inclusive inconscientes, serão depositadas nas cenas contempladas. As preferências, as modalidades, as atividades que a pessoa adote, e a carga afetiva que lhe ponha, será um reflexo daquilo que há em seu interior. Desta maneira, quem contempla, se envolve com a cena evangélica com todo o seu ser, desde seu próprio interior, a partir de sua identidade e sua afetividade mais íntima.

Contemplação sensível e afetiva

Demos um passo a mais, porque a imaginação será complementada e ampliada com a **“aplicação de sentidos”** (EE 121-125). Consiste em ativar ou depositar, imaginativamente, os sentidos corporais da visão, ouvido, olfato, sabor e tato na cena evangélica recriada previamente.

Na “aplicação dos sentidos” com a imaginação, o exercitante deverá mobilizar seus sentidos interiores e, sem lugar a dúvidas, aprofundará e enriquecerá a contemplação, já que lhe permite orar a partir de dentro, a partir de sua vivência profunda e a partir de sua sensibilidade corporal.

O ser humano é um ser **corporal** que necessita chegar a Deus com sua própria sensibilidade, através de sua humanidade mais profunda. Por sua vez, Deus se encarnou em Jesus de Nazaré; portanto, Ele se dá a conhecer a partir da humanidade concreta e sensível de Jesus.

Desta maneira, S. Inácio propõe chegar à experiência de Deus partindo da humanidade de Jesus e contemplá-la com nossos sentidos corporais profundo e interiores. A oração se transformará, assim, em experiência sensível, íntima, encarnada, próxima e comovedora.

No ato de contemplar e de mergulhar no mistério de Jesus Cristo por meio dos **sentidos da imaginação**, o exercitante é, por sua vez, perpassado pela realidade divina. Realiza-se um caminho com dupla direção, um certo intercâmbio: um exercício contemplativo realizado através de sua sensibilidade faz com que, ao mesmo tempo, ele seja perpassado, interna e passivamente, pela divindade escondida na história contemplada. Aqui a Graça desempenhará uma ação importante, já que a pessoa que contempla tem, finalmente, que abandonar-se com toda passividade à força do Espírito.

Como vemos, a **imaginação orante** tem um potencial enorme para que a pessoa espiritual se conecte com sua própria interioridade. A imaginação envolverá as **emoções** mais profundas do exercitante (fascinação, reverência, amor, desejo, compaixão, admiração) e o porá em contato com seus componentes mais pessoais e íntimos. *“Utilizando a imaginação pode-se, às vezes, chegar a tocar o nível mais profundo do próprio ser [...] e pode, algumas vezes, trazer à superfície os objetos soterrados na inconsciência que operam de fato na vida da pessoa”* (F.G. McLeod).

A proposta imaginativa de S. Inácio colocará a pessoa contemplativa em contato com seus **sentimentos** mais autênticos e com seus **impulsos** mais criativos para seguir melhor o Senhor.

A **imaginação** tem, além disso, a capacidade de sugerir uma **resposta criativa** à pessoa orante, do mesmo modo que uma visualização psicológica antecipa positivamente um evento, permitindo ao contemplativo projetar-se operativamente através das cenas contempladas e suscitará nele desejos e forças necessárias para levar adiante essa resposta.

Esta inspiração antecipada durante a oração contemplativa, combinada com a graça recebida de Deus, serão os componentes necessários para levar a cabo uma verdadeira transformação interior e exterior.

Recordemos sempre que um dos objetivos fundamentais da contemplação inaciana é **mover os afetos** da pessoa: afetar-se, saborear, afeiçoar-se, aderir e eleger a vida de Jesus. A dimensão afetiva colabora vivamente

com a oração, pois o sentimento elevado é a linguagem própria de Deus e que deixa uma ressonância em seu interior.

S. Inácio não concebe em sua espiritualidade uma mera oração racional ou intelectual, senão que esta sempre se nutre do sentimento e da sensibilidade; ele quer que a oração sempre se realize com o coração.

Na aproximação do exercitante à pessoa de Jesus, privilegia-se um **contato existencial**, onde o envolvimento afetivo tem especial destaque: uma oração personalizada e presencial, criando assim um conhecimento íntimo, vivo, próximo e direto de Deus. Desta maneira, ser-lhe-á propiciado um **“conhecimento sentinte”** do Senhor, ou seja, interno (EE 104), de contato imediato e profundo; um conhecimento que dará mais valor à intuição, à identificação, ao envolvimento interior, à empatia e à sabedoria.

A contemplação inaciana não o deixa cair numa oração meramente teórica, abstrata e especulativa, senão que conhece a Jesus por co-naturalidade. A certeza interna que adquire neste tipo de oração se deve ao vínculo e à participação gerada, ao contato direto e singular com Jesus. Participando na cena evangélica e aplicando seus sentidos imaginativos, o exercitante conseguirá uma espécie de intimidade natural com Ele, algo que não costuma aparecer com as ideias ou os conceitos que se aprendem e se transmitem.

Não podemos esquecer a expressão encontrada no final de cada ponto de toda contemplação, onde S. Inácio nos propõe: **“reflectir para sacar provecho”** (EE 106; 107;108; 114;115; 116, 123; 124...).

O conteúdo evangélico, re-criado e contemplado, deve ter **“reflexos”** no interior do exercitante, no final de cada ponto da oração (ver, escutar, mirar); assim, a pessoa de Jesus irá, pouco a pouco, tomando posse do exercitante, impactando-o e transformando-o. Deus vai entrando por debaixo da epiderme de quem ora, sua luz vai “refratando” (refletindo) em sua própria vida e existência.

Este exercício inaciano iluminativo tão particular vai afetando o interior do orante, predispondo-o, contagiando-o, configurando-o à **imagem** de Jesus Cristo. É um estilo de oração bastante passivo, que implica deixar-se penetrar, deixar-se tocar, deixar-se refletir, deixar-se fazer pelo Espírito de Deus. Não exige um movimento racional dominante nem especulativo, mas uma exposição silenciosa e passiva, para que o relato contemplado impacte, toque e transforme o interior do orante. Sem forçar nada, sem violentar, sem dominar, sem demasiado juízo e sem elaboração racional.

A expressão final de cada ponto da contemplação inaciana (*deixar ter reflexos para tirar proveito*) já não supõe demasiada exercitação, já não são necessárias mais ferramentas, porque quem atua agora é Deus mesmo, com sua graça. A pessoa orante somente deve dar lugar à mística, já não se esforça, só se entrega e se oferece.

Assim é que a contemplação vai colaborar com seu objetivo fundamental: a **identificação afetiva** com Jesus, para terminar, talvez, com a graça da **“cristificação”**. Será tarefa da graça divina aquela que termina de exercer misticamente esta função.

X.X.X.X.X.